

10 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Autora n.º 1 do *New York Times*

**LAUREN
KATE**

A
CANÇÃO
do
ÓRFÃO

*Uma canção uniu-os.
Mas um segredo
irá separá-los.*

«Uma história encantadora
que dá vida aos canais de Veneza.»

PUBLISHERS WEEKLY

**TOP
SEL
LER**

Para Milo, sempre comigo

Veneza

Dezembro de 1725

No recanto norte do mar Adriático, longe da submissão a Bizâncio ou Roma, um império com mais de mil anos estava a desmoronar-se. Ninguém se apercebeu da queda, disfarçada por séculos de riqueza e reputação, à imagem dos cidadãos, que viviam todos os dias atrás de máscaras de *carnevale*.

Viam-se, nas gôndolas, os amantes a levantarem as máscaras debaixo das pontes para se beijarem. Imaginava-se o senador a votar anonimamente nos salões do Palácio Ducal. E a jovem menina no mercado a comprar alcaçofras com a mãe, o cordel preto da sua máscara a balançar ao sabor do vento estival.

Nos anos que antecederam a queda da República, esta era a moda veneziana: fazer de tudo um mistério, obnubilar a identidade e a vida, nunca olhar muito de perto para a subjacência. Durante mil anos, Veneza brilhara como a joia do Mediterrâneo. Mas quando as rotas comerciais se alteraram, e levaram consigo o ouro, a República confundiu o canto do cisne com o de celebração. Festejou mais descomedidamente do que nunca. Veneza esteve sempre em desmoronamento; porque não pôr as máscaras mais um dia e brindar a mais um pôr do Sol cor-de-rosa.

Exceto nas igrejas e nos hospitais, onde as máscaras eram proibidas. Na maior parte dos dias, os doentes e os órfãos da cidade, entregues à tutela da Igreja, eram as únicas caras nuas de Veneza.

Esta história começa num orfanato, numa noite de solidão no bairro adormecido de Dorsoduro. Ali, numa camarata para crianças enjeitadas, uma menina de 5 anos estava deitada na cama a planear a sua fuga.



O inverno voltava a dominar a cidade, e o vento forte sacudia a vidraça da janela com uma triste vista para o prédio à frente. Mesmo que Violetta encostasse a cabeça ao vidro, não conseguiria ver mais do que uma janela com cortinas pela qual ninguém olhava para o exterior.

Logo que as outras adormeciam, ela subia sorrateiramente para o sótão. Atrás das caixas de trajes antigos e de violinos partidos, a janela, altaneira e solitária, elevava-se por sobre o telhado vizinho. Violetta podia ver Veneza a alastrar-se no horizonte. Violetta podia estar sozinha.

Esperou que os últimos sussurros se dissipassem e não se ouvisse senão respiração, ansiando pela extraordinária quietude de mais de três dezenas de raparigas a dormir. Tinha um truque para não perder a paciência: percorria as ruas de Veneza na sua cabeça. Subia e descia as pontes da cidade fechando os olhos devido ao reflexo trémulo e dourado do sol no canal. Se se focasse, quase conseguia sentir o odor da água salobra.

Fora autorizada a sair das paredes do orfanato quatro vezes, a caminhar nas ruas de pedra numa fila de órfãos a pedir esmolas, a cantar e a invocar os santos. Violetta guardava essas memórias no peito — gondoleiros a cantarolar, artistas de rua a atirar facas e a engolir fogo, homens e mulheres escondidos atrás de máscaras brancas, tão diferentes dos órfãos com as caras a descoberto, que podiam ser uma espécie completamente diferente. Como ela desejava colocar uma máscara.

As caminhadas acabavam sempre da mesma maneira: com a priorosa a conduzir as raparigas para o Zattere, o soalheiro passeio de pedra paralelo ao canal da Giudecca. Depois passavam

rapidamente pela paragem de *traghetto*, onde os gondoleiros assobiavam sob as abas dos chapéus de palha. Transpunham a entrada para a ala este do edifício e viam a cabeça esculpida de um rapaz enfeitado a marcar a porta do dormitório masculino. Passavam pela porta dupla central — a entrada pública, que conduzia a um vestíbulo com tetos altos, dando diretamente para a igreja. E, cedo demais, estavam de volta à ala este, onde a cabeça esculpida correspondente a uma menina enfeitada encimava a entrada da única casa que Violetta conhecia.

Na sua imaginação, aquele era o momento em que se libertava, começava a correr pela *calle* estreita, desviando-se dos vendedores ambulantes, até ficar gloriosamente sozinha.

Até deixar de ser uma órfã.

Na sua cabeça, atravessava ruidosamente a ponte de pedra com os socos de madeira e salto alto de uma senhora da aristocracia. Estava mascarada. Subia a bordo de uma gôndola e a sua capa dançava com o vento. Vogava em direção a Giudecca, para ir a um baile de máscaras num dos majestosos *palazzi* do outro lado do canal.

Ou talvez fosse ainda mais longe. Onde?

O que mais teria a cidade para oferecer, o que mais teria a vida para lhe dar, o que mais não fora Violetta autorizada a ver?

Debaixo dos cobertores, Violetta passou com o polegar pelo calcanhar direito, onde um fino «I» azul a marcava, indicando que estava entregue à custódia do Hospital dos Incuráveis. Era uma marca que dizia ao universo que ela não tinha família, que não pertencia a nenhures a não ser ali, àquele complexo murado de pedra de Ístria na extremidade sul da cidade.

O Hospital dos Incuráveis fora construído em volta de um pátio quadrado com uma imponente igreja no centro. Tirando a Basílica de São Marcos, a *chiesa degli Incurabili*, igreja dos Incuráveis, era a casa de culto mais famosa de Veneza. Embora tivesse recebido aquele nome perturbador no século XVI devido aos doentes que morriam de sífilis na enfermaria do rés do chão,

mais recentemente, o Hospital dos Incuráveis tinha-se tornado um dos quatro hospitais conhecidos por exercerem uma função mais luminosa: formar as meninas enjeitadas num conservatório de música.

Os dois sexos eram estranhos no Hospital dos Incuráveis. Não eram apenas as entradas separadas para rapazes e raparigas, mas também os mundos separados no interior: camaratas separadas, salas de refeições separadas e salas de estudo em cada um dos lados do segundo andar do complexo. Os rapazes enjeitados cresciam e começavam a aprender uma profissão; não precisavam de formação musical. Mas as raparigas aprendiam a cantar e a tocar na igreja para se manterem fora das ruas. Com o passar do tempo, as atuações começaram a forrar os cofres da igreja e o dinheiro passou a ser usado para pagar a instrução das raparigas mais talentosas da geração seguinte pelos melhores compositores. O Hospital dos Incuráveis era feito de música — a melhor da cidade e, logo, do mundo.

Violetta adorava música. O seu coração batia ao ritmo do som dos concertos sacros que ecoava nas paredes da camarata, apesar de ela ouvir o mistério silencioso das suas origens todos os dias. Fora abandonada quando tinha 2 anos. Ninguém sabia de onde ela viera, quem a trouxera ou que tipo de ameaças sofrera. Desde tenra idade, Violetta percebeu que todos quantos tomavam conta dela — o padre e a priora, o cozinheiro e o boticário; até as benévolas *zie*, «tias» aposentadas que já tinham sido, elas próprias, enjeitadas — a viam como um dever moral por que tinham de zelar.

As outras raparigas procuravam o carinho das *zie*, mas Violetta não conseguia fingir laços afetivos. Precisava tanto de alimento, calor e abrigo como qualquer outra criança, mas queria amor — amor verdadeiro ou amor nenhum. Esta ânsia infetava-a como uma doença. E ela não sabia qual era a cura.



Finalmente: um período de calma na camarata. O experimentado ouvido de Violetta sabia, pela cadência da respiração coletiva, que as outras estavam, por fim, a dormir. Levantou-se da cama. Os pés descalços não fizeram qualquer som ao tocar nos azulejos de mosaico quando, pé ante pé, saiu da camarata, seguiu pelo corredor escuro e subiu as escadas.

Fechou-se no sótão, esfregou as mãos nas coxas para se manter quente e verificou os seus tesouros no peitoril da janela: o soldo genuíno que o padre de Roma deixara cair quando visitara o Hospital dos Incuráveis; a pena de faisão que chegara a flutuar por sobre as paredes; a taça de mel de porcelana que o cozinheiro deitara fora e que ela limpara com a língua havia muito tempo (embora passasse com o dedo na taça todas as noites para sugar a memória da doçura). E, o seu bem mais precioso, Letta.

Violetta resgatara a boneca das águas frias do canal atrás do orfanato. Alguns meses antes, as órfãs voltavam de uma caminhada das alminhas quando Violetta viu uma menina com um casaco de renda com uma filigrana dourada brilhante a discutir com a mãe por causa de um doce. Dominada pela ira, a menina largara a boneca sem sequer olhar para trás. Antes que alguém reparasse, Violetta arrebanhara-a da água.

Batizara a boneca de Letta, diminutivo de Violetta — embora Violetta nunca tivesse recebido uma alcunha. Com a boneca ao colo, encostou-se à janela do sótão e sentiu o frio da noite para lá daquelas paredes. Quando se pôs em bicos de pés para olhar para o exterior, a sua respiração embaciou o vidro.

A água dava à noite um aspeto mais cerrado e, para onde quer que Violetta olhasse, elevava-se à sua frente uma variedade de telhados de terracota que se estendiam para além do que ela conseguia imaginar. Queria esticar o braço e tocar nas videiras que cresciam serpeantes por entre as grades da varanda da casa ao lado. Queria explorar todos os becos apertados até chegar ao mar. Em algumas noites tentava contar as gôndolas pretas que balançavam no canal. Noutras olhava para a água até os olhos começarem a lacrimejar.

A cidade estava escura e inusitadamente calma. Era o início do Advento, duas semanas em que o *carnevale* parava para dar lugar ao Natal, como que a deixar Veneza respirar. Não havia óperas, não havia bailes.

A missa na igreja dos Incuráveis atraía multidões maiores do que o habitual, porque as igrejas dos quatro *ospedali* tornavam-se os únicos locais em que se podia ouvir música em Veneza. Naquela noite, os foliões mascarados — presenças habituais no Zattere — não se viam em lugar nenhum. As *calli* estavam vazias. Quase.

— Ali está ele — suspirou Violetta.

Lá em baixo, no Zattere, um homem de tricórnio aproximava-se vindo de oeste. Era o artista de rua preferido de Violetta, que subia o passeio depois de ter atravessado a ponte. Trazia o seu pequeno cão sarapintado, que Violetta batizara de *Giacomo*.

— Achas que correu bem hoje? — perguntou a Letta.

Como seria tentar ganhar a vida numa enorme *piazza*, com a voz a ecoar nos edifícios e a sentir a multidão a aproximar-se? Para onde iria um homem assim à noite? Levaria *Giacomo* para uma das tabernas que Violetta espreitara, curiosa, por entre portas que se fechavam nas suas caminhadas?

— O que pedirias numa taberna, Letta? Aguardente? — Torceu o nariz ao pensar no indecoroso cálice que a prioresa levava para a cama. — Eu tomaria *acqaioli*.

Violetta não sabia qual era a composição da bebida que ouvira as senhoras da aristocracia pedir à entrada dos cafés, mas adorava o brilho opalino do líquido e a forma como as senhoras levantavam as máscaras apenas o suficiente para encostarem os copos aos lábios. Violetta imaginava que *acqaioli* era chuva de uma nuvem adoçada. Um dia iria conhecer o seu sabor.

Quando o homem e o cão passaram e saíram do seu ângulo de visão, Violetta suspirou.

— Eles voltam amanhã — disse ela a Letta, embora ansiasse por pular pela janela fora, atirar-se para a rua e correr atrás deles,

tocar nas orelhas de *Giacomo* e sentir o nariz do cão a roçar os seus pulsos. Nunca tocara num cão.

Foi então que uma canção — a voz de uma mulher — lhe atraiu a atenção para a *calle* por baixo da janela. Violetta esticou-se para a frente e perscrutou a escuridão. Estava sempre a ouvir música, mas daquela vez era diferente. No Hospital dos Incuráveis, cantavam para comungar com Deus. Aquela música chamava-a para junto da cantora, não de Deus.

Com um tom grave e uma voz baixa, a canção soava a segredo. Não era a cantilena assobiada pelo artista de rua, nem a *barcarolle* descarada do gondoleiro. Era amor e pesar urdidos tão intimamente que Violetta mal conseguia respirar.

Quando encontrou a mulher no luar, Violetta resfolegou. A cantora encaminhava-se para a roda.

Para quem passava na *calle*, a roda parecia discreta, meio cilindro ferrugento a sobressair na base da parede oeste do edifício. Mas quando se puxava o pesado cabo de ferro para colocar a roda em movimento, revelava-se uma plataforma de madeira que não seria mais larga do que o espaço dos braços de Violetta envoltos num abraço. Do outro lado, a porta dava para uma cozinha, pelo que o seu conteúdo seria descoberto pelo cozinheiro, que chegava cedo para acender a lareira.

Violetta conhecia as histórias anteriores à construção da roda. Bebés abandonados que eram encontrados azuis, a gelar ao nascer do Sol, junto aos portões da frente. A roda permitia que as mães deixassem os filhos abrigados da chuva e do vento. Podiam manter o anonimato... e as crianças vivas.

O aniversário de Violetta era no início de fevereiro. Ela sabia que estaria morta se não fosse a roda. A engenhoca atormentava-a, mas nunca a vira ser acionada em nenhuma das noites que passava a espiar a cidade a partir do sótão. A cantora aproximou-se da roda e pôs-se de joelhos. Não trazia máscara no rosto, apenas uma capa com capuz que não escondia uma protuberância. Um bebé.

Não, pediu Violetta à mãe, em pensamento. Como seria possível ela não imaginar a sua própria mãe junto à roda?

A mulher abriu a capa e Violetta ficou perplexa ao ver que a criança não era um bebê. O alívio invadiu-lhe o corpo. Um rapaz daquele tamanho nunca caberia lá dentro. A mulher seria obrigada a mudar de ideias.

O canto da mulher intensificara-se. Violetta já conseguia distinguir as palavras.

Eu sou tua, tu és meu...

Os dedos da cantora afastaram o cabelo louro dos olhos fechados do rapaz. Desceram pelos ombros e pelos cotovelos até chegarem às mãos. Agarraram-nas. O peito de Violetta começou a latejar. Tinha inveja daquele rapaz pelas carícias que estava a receber, embora soubesse como acabariam.

As lágrimas reluziam no rosto da mulher. O tom da voz oscilou, mas ela continuou a cantar, virando a cabeça antes que o seu desconsolo molhasse a pele do rapaz. Levantou os olhos para o céu e Violetta viu-a.

Memorizou o nariz reto e afilado, as bochechas redondas e os lábios daquela mãe. Trazia uma enorme pedra numa corrente encostada à concavidade da garganta. Era linda. Os seus traços estavam lavados em vergonha.

A mulher empurrou o cabo da roda para o lado, deitou o rapaz no círculo de madeira e dobrou-lhe os joelhos até ao peito. Esfregou-lhe os pés suavemente; depois desesperadamente, como se, para ela, não houvesse esforço nenhum capaz de os aquecer o suficiente. O filho continuava a dormir.

Violetta abraçou Letta junto à janela, paralisada de pavor, incapaz de desviar o olhar quando a mulher girou a roda. Quando esta encravou, as palmas das mãos da mãe empurraram os ombros do filho, forçando a passagem do rapaz com uma violência que chocou Violetta até ao seu âmago.

— É isto que as mães fazem — disse Violetta. — É isto o que as mães são. — Quando voltou a pousar a boneca no peitoril, tinha as mãos a tremer. Violetta levantou a cabeça e olhou para os seus próprios olhos refletidos no vidro. — Nunca sejas mãe.



— **V**ioletta!
Violetta deu meia-volta. Estava à janela do quarto a olhar para a gaivota empoleirada no telhado de terracota do edifício vizinho e a torcer para que a ave movesse as asas e abandonasse aquele beco sombrio. Se Violetta fosse um pássaro, estaria a planar sobre o oceano. Nunca pousaria no mesmo navio duas vezes.

Lá fora, a manhã de setembro estava tão luminosa e a nesga de céu que Violetta via estava tão azul que, quando ela se virou, precisou de um momento para que os olhos se adaptassem à silhueta que arquejava à porta do quarto.

— O que foi, Laura? — perguntou, deixando espaço na cama para a amiga. Ambas tinham 16 anos. Eram vizinhas e partilhavam uma parede entre os quartos individuais de cada uma no segundo andar, desde que saíram das camaratas, aos 10 anos. — Vem recuperar o fôlego. Aprende com a gaivota indolente.

Mas recuperar o fôlego não fazia parte da natureza de Laura. Era capaz de se preocupar com tudo, desde a chuva que inundava um dia festivo ao que acontecia com os ovos de um pardal quando a mãe pássaro engolia um pedaço de vidro. Preocupava-se com a humidade na palma das mãos quando tocava uma peça difícil no violino e secava a madeira meticulosamente com um pano

de linho para que não se deformasse. Preocupava-se em distinguir a sua execução da das outras violinistas da escola de música. Preocupava-se profundamente em ser promovida para o coro e preocupava-se por Violetta não se preocupar o suficiente em ser promovida juntamente com ela. Nunca perdia uma oportunidade de lembrar Violetta de que o coro tinha espaço apenas para 33 mulheres de cada vez, menos de metade das que estavam a ser formadas na escola de música. Só havia algumas vagas por ano quando as mulheres mais velhas se casavam ou se retiravam para viverem nos conventos.

Laura preocupava-se com os exercícios de voz de Violetta e com a partitura dos libretos de Violetta — demasiadas vezes deixados espalhados pelo chão. Ao longo dos anos, Laura aperfeiçoara a capacidade de inventar desculpas para dar à priora quando Violetta chegava atrasada a uma aula, mas nunca deixou de se preocupar que Violetta pudesse ser alvo de açoites. A relação entre elas era um dueto: quanto mais Laura se preocupava, mais Violetta lhe dava razões para o fazer.

Não que Violetta fosse despreocupada; apenas parecia sê-lo aos olhos de Laura, que dava às suas preocupações a atenção que Violetta tentava evitar. Era por isso que passava tanto tempo à janela, a imaginar-se longe de tudo aquilo.

Laura prendeu uma mecha solta de cabelo encaracolado ao grande puxo de cabelo castanho na sua cabeça.

— Não ouviste, claro.

— Não ouvi o quê? — Violetta não fazia ideia há quanto tempo estava à janela. Era o que acontecia nos dias em que tinha o sonho.

A roda. A mulher. Aquela canção. Tinham passado 11 anos desde aquela noite, mas lembrava-se de descer as escadas a correr às escuras como se tivessem passado apenas 24 horas. Ela era a única que sabia que ele estava lá. Preso. A única que podia ajudar. Nunca estivera tão perto do corpo estranho de um rapaz. Ele ainda se encontrava a dormir quando ela o retirou da roda.

Alguns anos mais tarde, Violetta percebeu que a mãe o teria drogado. Que ele não teria sequer ouvido a canção da mulher.

Sempre que Violetta sonhava com aquela canção, a sua vida de acordada tornava-se muda e pálida. Tinha dificuldade em cumprir as suas responsabilidades da forma habitual: acordar ao nascer do Sol, rezar em voz alta e de cor — primeiro o Angelus, depois uma oração para supressão da heresia, uma para a sua república mais devota, uma para os benfeitores e os *governanti* dos Incuráveis e muitas outras mais —, tal como todas as outras vozes sussurrantes faziam nos quartos à esquerda e à direita do dela.

Antes da missa, Violetta tomara o pequeno-almoço de aveia e natas enquanto os largos quadris da priora circulavam por entre as mesas de madeira grosseira declamando leituras sagradas num suspiro corrosivo, e o olhar desafiava qualquer delas a mexericar ou a dar risinhos abafados. E, depois, a manhã passara com três horas de aulas de música; primeiro com toda a escola de música, depois com um círculo mais restrito de cantoras e, por fim, com a sua tutora privada, Giustina.

Giustina tinha 24 anos, era muito bonita e a soprano principal do coro. Era conhecida como a *bella voce* na cidade inteira, e até para lá dos limites da República de Veneza. Havia turistas que atravessavam a Europa e pagavam caro para a ouvir cantar. No verão anterior, surpreendera Violetta quando a escolhera como uma de duas discípulas. Violetta continuava sem saber ao certo o que Giustina vira nela, mas a generosidade paciente da sua *sottomaestra* inspirava-a a dar o seu melhor.

Naquele momento, deveria estar a ler as últimas correções à sua partitura, a treinar a voz e a praticar os *passaggios*. Giustina iria testá-la com eles mais tarde, antes da *compline*, a oração do final do dia. Mas Violetta não tinha sequer olhado para as páginas. Logo que ficara livre para se fechar no seu quarto, aproximara-se da janela, sentira o calor vindo de fora e deixara a mente divagar.

A canção do sonho perseguia-a, aquelas palavras que não era capaz de cantar em voz alta.

Eu sou tua, tu és meu...

Tornara-se a sua canção. Mas dirigia-se a quem ou a quê? Às vezes, ela ainda pensava no rapaz que retirara da roda naquela noite. Antes de o deixar junto às brasas da lareira da cozinha, embrulhado num pano de cozinha dobrado, Violetta descobrira a pequena pintura que ele trazia nas mãos.

Era metade de uma pintura, na verdade, uma pequena peça de madeira fina e estilhaçada por ter sido cortada a meio na diagonal. Estava ligada a uma corrente partida, como se já tivesse sido um pingente. Era a pintura de uma mulher. De metade de uma mulher. Rosto, seios e uma barriga coberta por ondas de cabelo louro esvoaçante, da mesma cor do cabelo do rapaz. Olhos negros, distantes, a boca aberta a cantar, o céu azul como pano de fundo.

A mãe do rapaz teria ficado com a outra metade. A maior parte dos órfãos no Hospital dos Incuráveis tinha algum testemunho parecido — parte de uma pintura ou um pedaço de um tecido com um padrão —, prova de uma ligação, não fosse o destino alguma vez juntar de novo mãe e filho.

Violetta não tinha nenhum. Não acreditava nesse tipo de fantasias.

Nunca mais voltara a ver o rapaz, tão separadas eram as vidas dos rapazes e das raparigas no Hospital dos Incuráveis. Ela não o queria ver, embora ele estivesse sempre com ela. A canção que fora destinada a ele atormentava-a, punha em palavras a parte dela que ela mais desejava negar — que alguém lhe tinha feito a mesma coisa. Violetta tinha a esperança de que o rapaz não tivesse memória do momento em que fora abandonado, que nunca tivesse de pensar sobre aquela noite. Era provável que já tivesse saído do orfanato para aprender um ofício algures na cidade.

— Violetta! — Laura agarrou-lhe a mão. — O Porpora está de volta.

Violetta levantou-se como uma mola.

— Porque é que não disseste logo?

Naquele ano, o Hospital dos Incuráveis contratara o famoso compositor napolitano Nicola Porpora para liderar o coro. Tratava-se da autoridade final, a pessoa que determinava quais eram as raparigas que passavam e as que ficavam. Até as estudantes mais jovens, criancinhas de 6 anos, apuravam os ombros e sussurravam mexericos quando ouviam o nome dele.

Aquelas que Porpora escolhesse para o coro poderiam ambicionar anos de colaboração com o brilhante e inquieto compositor e atuações regulares diante de multidões embevecidas. As mulheres do coro gozavam de tempo de lazer, saídas mais frequentes, comida e vinho de melhor qualidade. Algumas recebiam cartas de importantes turistas venezianos ou europeus que viajavam só para as ver atuar. Uma parte dos consideráveis ganhos que obtinham com os concertos era guardada num dote especial.

As raparigas que não eram escolhidas para o coro tornavam-se *figlie di commun*, as mulheres vulgares do orfanato. Trabalhavam como enfermeiras dos doentes de sífilis no primeiro andar ou dedicavam-se a tarefas menores, como lavar a roupa e fazer tricô, coser e tingir as grossas capas de lã com aquele inimitável tom de azul-noite. Algumas tornavam-se *zie* e cuidavam de bebés enjeitados. As *figlie di commun* trabalhavam para o orfanato até aos 40 anos e depois eram enviadas para um convento de freiras. A única possibilidade de fugirem a este destino era serem vendidas como criadas. Mas o pior de tudo era que a música acabava por completo. As *figlie di commun* não tinham qualquer oportunidade para praticar ou atuar.

Esta perspetiva horrorizava Violetta. Não tinham mais nada na vida a não ser a música, e podia ser-lhes retirada? Ela e Laura tinham prometido uma à outra que não aceitariam semelhante destino. No fundo, Violetta suspeitava que ambas sabiam que Laura não teria problemas, mas que Violetta, com a sua tendência para sonhar acordada, poderia não estar à altura dos requisitos.

O maestro estivera fora durante todo o mês de agosto e metade do mês de setembro. Na sua ausência, as aulas eram menos

exigentes, mas isso acabara. Porpora iria manter-se lá durante o outono e o festival do *carnevale*, enquanto o coro preparava a temporada de atuações mais importante: o Advento. Para Violetta e Laura, bem como para cada uma das 62 jovens raparigas na escola de música, a chegada de Porpora era uma prova de fogo.

— Ele só devia regressar na próxima semana — disse Violetta.

— Chegou mais cedo — retorquiu Laura. — E quer ouvir-nos. Na galeria.

— Na galeria?

A galeria era o local onde as raparigas do coro atuavam. Violetta fora à antecâmara da galeria muitas vezes, para ir buscar partituras para Giustina, mas nunca entrara no enclave especial do qual se via toda a igreja através de uma grade dourada. As raparigas da escola de música praticavam numa câmara sufocante sem janelas sobre o boticário. Tresandava ao chá de pau-santo fervido para os doentes de sífilis no andar de baixo.

— Já estás atrasada — disse Laura —, e não sais deste quarto com o cabelo nesse estado.

— Que mal tem o meu cabelo? — Violetta puxou a trança grossa e escura que lhe dava até à cintura. Não havia nenhum espelho no quarto dela. Não se lembrava da última vez em que tinha escovado o seu cabelo rebelde.

— Deixa-o comigo — disse Laura, colocando-se atrás dela com as pernas abertas na cama rangente, os dedos dos pés a sair dos chinelos e a tocar nas coxas de Violetta. — Começa a aquecer. Escalas. E, *madonna*, meias!

Violetta puxou as ásperas meias de lã pelas pernas acima e apertou-as com uma fita imediatamente acima do joelho. Resmungou quando Laura lhe desfez a trança com alguns dias e puxou os densos nós do seu cabelo.

Enquanto as mãos de Laura apanhavam e penteavam o seu cabelo, Violetta endireitou as costas e respirou por entre um muro fibroso de nervos. Puxou a língua, estendeu-a com os dedos e percorreu as três oitavas de escalas, como Giustina lhe ensinara.

«Quando cantas», dissera a *sottomaestra*, «tens de pensar sobre o que queres dizer ao mundo.»

Quando Violetta cantava, quase não tinha confiança suficiente para querer ser ouvida, quanto mais para transmitir uma mensagem. Tinha dificuldade em imaginar que o mundo pudesse estar a ouvi-la.

Devolveu a pergunta a Giustina.

— O que é que tu queres dizer ao mundo?

Giustina levou ambas as mãos ao encontro do peito e suspirou.

— «O amor está aqui.»

Os olhos de Violetta ficaram marejados de lágrimas, pois sentia que nenhum músico podia aspirar a nada mais sublime. E ela sentia-se impotente. Nunca seria capaz de cantar nada tão arrojado e essencial para o mundo. Ela queria ver e ouvir o mundo e inspirar-se nele. Não conseguia imaginar-se a devolver-lhe o favor.

Giustina apertara o ombro de Violetta e dissera suavemente:

— Não te preocupes, haverás de encontrá-lo.

Será? Violetta era uma soprano, mas uma soprano fraca e, apesar dos anos que passara a praticar e a orar, a sua voz ainda tinha dificuldade em chegar às notas mais altas das árias complicadas de que mais gostava. Se pelo menos conseguisse entrar no coro e livrar-se da ansiedade, a voz poderia chegar lá por si só. Violetta perguntava-se qual seria a sensação de aperfeiçoar uma ária e cantar tal como Porpora pretendia, ou melhor. Mas quando pensou em perguntar a Giustina, percebeu que não se tratava de algo que pudesse ser posto em palavras, tal como a raiz profunda da ânsia que dominava a própria Violetta.

Os melhores momentos eram aqueles em que ela sentia que a sua voz se misturava com a das outras cantoras. Os momentos em que se sentia uma parte da música, e não sozinha. Naqueles momentos, Violetta não desejava estar em mais lugar nenhum, capturada pelo ledó abraço da canção.

Mas, naquele dia, o sonho dominava-a, e ela sentia-se indigna da música. Porque é que o maestro tinha de chegar naquela altura?

Pelo menos, a presença de Laura era um consolo. Ela e Violetta não demoraram a entrar em sintonia — enquanto Violetta avançava para os registos mais altos das suas escalas, Laura tratava-lhe do cabelo e construía uma trança mais bem arranjada e apertada. A música estava tão profundamente embrenhada nas raparigas que a inseriam em tudo o que faziam: os estalidos sincopados das colheres a bater nas tigelas ao jantar, a suave percussão dos seus passos a caminho da confissão noturna, o silvo de tenor da urina a embater nos bacios de porcelana.

— Mantém as notas. O que se passa contigo? — perguntou Laura, com o cabelo de Violetta nas mãos. Deu meia-volta e colocou-se à frente de Violetta; alisou uma mecha de cabelo e aprovou o seu trabalho com um aceno de cabeça. Pôs um dedo debaixo do queixo de Violetta, levantou-o e olhou para os olhos dela. — Tiveste o sonho?

Violetta assentiu com a cabeça; calada, mas não envergonhada. Ela sabia que os pesadelos eram algo comum devido aos anos que passara na camarata. Laura sabia que Violetta sonhava com a mesma coisa vezes sem fim, e que, quando tal acontecia, ficava amargurada, mas nunca lhe pergantara pormenores. E Violetta nunca a esclarecera; nunca pergantara a Laura nada sobre os sonhos dolorosos que ela também teria. De que adiantaria? Cada uma das raparigas que ali vivia tinha muito pouco da sua vida anterior, do tempo em que era *figlia di mamma* — filha de uma mãe — e não apenas *figlia degli incurabili* — filha dos Incuráveis.

Para Laura, saber que Violetta tivera o sonho e que o dia seria dominado pelo seu fantasma era suficiente. E, por isso, a mão de Laura foi ao encontro da Violetta. O bater das palmas das mãos, o som dos sapatos a correrem para a ponte, uma música secreta que lhes trazia tranquilidade.

A ponte era uma passagem sem janelas, curta como uma gôndola, à qual se acedia pelo terceiro andar do dormitório. Passava em arco sobre o pátio e conduzia ao centro da igreja, através de uma pequena antecâmara onde as raparigas do coro aqueciam

as vozes, afinavam os violinos e estreavam as palhetas novas dos oboés antes das atuações.

Depois de uma porta branca no ponto mais distante da antecâmara, ficava o desejado espaço de atuação do coro: a galeria de canto. A galeria era circundada por um parapeito de mármore à altura do peito, sobre o qual assentava a famosa grade de latão com flores de laranjeira esculpidas, que era objeto de fascínio generalizado. A função da grade era esconder as intérpretes dos olhos da igreja em baixo — e vice-versa —, mas, quando se sentava no banco lá em baixo com as outras alunas da escola de música e olhava para cima, Violetta era capaz de perceber quem era cada uma das raparigas.

Quão poderosas e misteriosas pareciam elas atrás daquelas flores de laranjeira douradas. O quanto Violetta sempre desejara ser uma delas. Ela desconfiava que a maioria dos paroquianos passava a missa inteira a fazer um esforço para ver os anjos a fazer música do outro lado.

— Estás pronta? — perguntou Laura à porta da galeria.

Violetta sentiu a garganta alarmantemente tensa. Apertou a mão de Laura.

— Não acredito que saíste do ensaio para vir à minha procura.

Os cantos da boca de Laura elevaram-se.

— Fizemos um acordo.

Laura abriu a porta branca devagar, empurrou os ombros de Violetta suavemente para a frente e entraram ambas discretamente na galeria. Violetta agachou-se atrás do parapeito. Não queria ser vista por Porpora nem pela priora, que dirigiam o coro na nave da igreja, antes de estar no seu lugar.

Quão pequena era a galeria, apenas duas fileiras de pé muito juntas, o patamar mais alto para os instrumentos de cordas, os instrumentos de sopro e o organista, e o patamar mais baixo para as cantoras. Violetta não demorou a calcular que estaria ali apenas metade das alunas da escola de música — as raparigas com 14 ou mais anos que começavam a poder ser consideradas para

o coro. Era a atuação da vida de cada uma. E ali estava Violetta, como um cão frágil e perdido.

Laura fizera com que a entrada de ambas parecesse fácil ao ocupar um lugar perto da porta onde o seu violino a esperava. Pegara no violino e acompanhara a música que estava a ser tocada ainda antes de Violetta escolher o caminho com menos percalços para chegar ao seu lugar à frente. Violetta tentou serpentear por entre as cantoras. A maioria inclinou-se para trás para que ela pudesse passar, desejando que se despachasse e não constituísse uma distração. Nenhuma delas parou de cantar o «Aleluia». Era uma peça de música curta com partes de violino e timbales que complementavam uma linha de cantoras — num momento as contraltos, no outro as sopranos.

Por fim, Violetta chegou ao seu lugar, o terceiro a contar do fim, entre Olivia e Reine. Olivia deu-lhe algum espaço; Reine não se mexeu nem um centímetro. Reine e Violetta não gostavam uma da outra desde que Reine chegara ao Hospital dos Incuráveis, um ano antes, mas a animosidade entre elas exacerbava-se quando Giustina escolhera ambas como discípulas.

Reine não era veneziana. Não era sequer uma órfã. Os pais, parisienses ricos, tinham decidido enviá-la para o Hospital dos Incuráveis. Não havia dinheiro que pudesse comprar um lugar a uma rapariga da República. Só aos estrangeiros era permitido simular orfandade por um preço.

Reine gostava de provocar Violetta.

— Sonhas com o prostíbulo onde a tua mãe te deu à luz e olhou para os teus olhos de inseto para depois te abandonar aqui?

— A minha mãe é a música — respondia Violetta, com tanta convicção que deixava a rapariga francesa em silêncio. Reunia as forças que tinha dentro de si para acalmar a voz e dizer uma parte da verdade: — Nos meus sonhos, ela canta.

Reine era ligeiramente melhor cantora, mas comportava-se como se fosse a maior estrela do coro. Quando chegasse o dia de Giustina deixar o coro, apenas uma delas seria promovida.

Violetta inspirou e tentou mostrar-se corajosa. Levantou-se, colocou-se ao lado de Reine, abriu a boca e juntou-se à canção.

— *Nei secoli dei secoli, nei secoli dei secoli. Alleluia.*

Violetta arregalou os olhos para se adaptar ao que a rodeava. Por entre as grades, a nave era iluminada por amplos raios de luz do Sol que penetravam o clerestório. Viu as infindáveis filas de bancos vazios e tentou imaginar que estava a cantar para um mi-lhar de pessoas. O peito expandiu-se com uma alegria inesperada.

Viu o brilhante Tintoretto pendurado na abside, a retratar Santa Úrsula e as suas 11 mil donzelas virgens. Era um lembrete daquilo a que as raparigas do Hospital dos Incuráveis aspiravam: serem músicas, sim, mas, antes de tudo o mais, serem virgens.

E depois viu o movimento súbito da cabeça da priora, que se mostrava atenta ao que ela fazia.

Violetta assumiu a sua expressão mais virginal, colocando os olhos nos céus. Aprumou a coluna, entrelaçou as mãos à frente da barriga e esticou o peito. Alcançou todas as notas na perfeição, desafiante. Haveria de pagar por isso mais tarde, mas açoitões e confissões públicas humilhantes eram parte da vida de Violetta havia muito tempo. Era nas más graças de Porpora que ela procurava não cair.

O convidado de honra estava ao lado da priora a balançar-se ao som da sua música, afortunadamente, com os olhos fechados. Não estava tão interessado nas alunas da escola de música como em ouvir a sua nova composição. Não conhecia o nome, as vozes, os talentos especiais e as limitações de nenhuma das raparigas. Guardava esse tipo de atenção para as raparigas escolhidas para o coro.

O maestro — um homem balofo de meia-idade, com cabelo grisalho e fino, e bochechas redondas e cor-de-rosa — não tinha o aspeto de alguém que fosse capaz de compor uma música tão esplendorosa. Não era nenhum Vivaldi, cujo cabelo ruivo e olhar intenso arrebatara Violetta quando ela estudara o seu retrato. Encontrara-o, quando estava na biblioteca, num desenho

no interior de um exemplar de um libreto que Vivaldi escrevera para o coro rival do Ospedale della Pietà, do outro lado do Grande Canal. Mas quem era Violetta para julgar aparências? O seu próprio rosto não crescera o suficiente para acomodar os enormes olhos pretos, o que fazia com que se sentisse como um besouro quando passava pelo seu reflexo num vidro. E ainda não tinha peito.

As notas das sopranos estavam a elevar-se. Violetta tinha de arquear as costas para as produzir. Bateu com o ombro em Reine, que respondeu acotovelando as costelas de Violetta. Violetta arquejou e perdeu a voz, mas recuperou rapidamente e lançou um olhar perigoso a Reine.

A música passou do «Aleluia» para um recitativo, mais fácil de cantar. Os bons recitativos contavam uma história, com letras mais faladas do que cantadas. As intérpretes pareceram relaxar, mas, enquanto os lábios de Violetta debitavam os versos memorizados, o seu coração desviou-se para outra canção.

Eu sou tua, tu és meu...

Tentou afastá-la, acompanhar as outras raparigas concentradas. Mas a canção do sonho dominava-a e abria caminho até ao recitativo. Queria ser cantada. Do canto do olho, viu saliva a voar da boca de Reine. Violetta odiava-a. Reine, cujos pais enviavam grandes quantidades de dinheiro para a escola juntamente com cartas de muitas páginas e lenços de renda humedecidos com um perfume doce e enjoativo para a filha. Reine, que não sabia o que era ter sido abandonada. Reine, que seguramente entraria no coro em vez dela.

Os ombros tocaram-se novamente. Violetta não sabia de quem era a culpa, mas inclinou o ombro para a frente para ficar ligeiramente à frente da rapariga. Reine inclinou o dela, colocando-se ligeiramente à frente de Violetta. Violetta desejava profundamente ver-se livre da galeria, daquela rapariga cruel, da canção do sonho que não conseguia deixar de ouvir. E tudo isso acabou por a levar a erguer o pé e a pisar impetuosamente o dedo rico de Reine.

Violetta apostaria quase tudo que Reine continuaria a cantar apesar das dores, e planearia uma vingança atroz e tenebrosa no futuro. Nunca esperou que a rapariga francesa gritasse.

O som atravessou a catedral. Toda a gente ficou paralisada a meio de uma nota e se virou para ver. Com um olhar enfurecido, a priora apontou o dedo a Violetta e expulsou-a.

— Para a confissão.



Violetta não foi para a confissão. Fugiu da galeria, passou pela antecâmara, atravessou a ponte para voltar para o dormitório e imaginou enclausurar-se nos aposentos do Padre Marché. Não conseguia respirar. Tinha de se acalmar, e só havia um lugar no Hospital dos Incuráveis para o fazer.

Foi para o sótão, mas, naquele dia, quando chegou à janela, sentiu-se enclausurada pelo vidro, oprimida pela vista — todos aqueles barcos na água, todas aquelas pessoas tão mais livres. Ela precisava de uma fuga maior.

Empurrou a vidraça da janela com as mãos. Quando a sentiu ceder um pouco, colocou os dedos na borda do vidro junto ao caixilho e abanou-o. O vidro soltou-se. Ela tirou-o maravilhada e encostou-o à parede de baixo da janela.

Sentiu o ar frio do outono a entrar subitamente e a convidá-la a sair. Atrever-se-ia?

Mais tarde, seria capaz de suportar o confessionário. Mais tarde, poderia acrescentar o que estava a fazer à sua litania de pecados. Empurrou uma caixa para perto da janela e subiu para cima dela. Alçou um pé, depois o outro até ficar agachada no limiar da janela.

Agarrou o caixilho da janela para se equilibrar enquanto se endireitava já com os pés no rebordo exterior da janela. Dentro do peito, já no lado de fora do telhado, o coração batia-lhe acelerado. Limpou a humidade das palmas das mãos, esticou os braços e agarrou o parapeito mais abaixo com os dedos. Para lá do

parapeito, via a preponderante cúpula branca da Basílica de Santa Maria della Salute no extremo leste do Dorsoduro. E depois via o horizonte, aquele além mágico no qual a magnitude de Veneza se condensava num único fio brilhante. Violetta desejou poder caminhar sobre ele, tal como um dia vira um acrobata andar sobre um cabo esticado à altura de dez homens, de um lado do Campo Santa Margherita para o outro.

Levantou a perna direita e deixou o pé assentar sobre a cornija do telhado. Depois cometeu o erro de olhar para baixo. A visão da queda paralisou-a. Durante vários segundos, foi incapaz de se mexer.

Mas depois vislumbrou a roda, que mal se conseguia ver, quatro andares mais abaixo. E pensou naquela mãe a abandonar aquele rapaz tantos anos antes. Tinha chegado o momento de pôr essa noite para trás das costas. Talvez nunca deixasse de sonhar com aquela canção, mas não seria dela já? Porque é que não conseguia elevar-se e ultrapassar o que vira acontecer na roda?

O vento incitou-a a avançar. Cantou para o vento e levantou o corpo.

*Eu sou tua, tu és meu.
Mais uma vez e eu sou o céu.*

Quando finalmente chegou ao topo plano do telhado, deixou-se cair de costas e viu um céu tão azul que doía só de olhar. Queria sorrir pelo que conseguira fazer, mas a necessidade de chorar foi mais forte.

Maldita impulsividade, maldito ombro ossudo e calcanhar tatuado. Ter-lhe-iam custado o coro? Poderia ela ficar ali em cima para sempre?

Soergueu-se e olhou em volta. O dia estava ventoso e luminoso. A luz do Sol cintilava no canal e fazia com que os barcos parecessem joias pretas. No Zattere, toldos brancos abrigavam pessoas que namoriscavam junto aos cafés. Do outro lado da água,

a ilha de Giudecca acenava com uma fila de *palazzi* altos defronte para o passeio com telhados de terracota cor de laranja. Cones de ciprestes encimavam os portões de ferro dos jardins.

Eram meados de setembro ainda, mas o ar estava a ficar fresco. Havia fumo trazido pelo vento, e sentia-se o aroma a rosmaninho e verbena dos vasos nas janelas dos apartamentos. Mais abaixo, o constante almíscar salgado dos canais.

A música permeava o ar. Estava em toda a parte para quem se desse ao luxo de ouvir. Pela primeira vez, Violetta sentiu a liberdade de assimilar as melodias da cidade, fantásticas e acidentais. O bater dos remos na água, os pregões dos vendedores ambulantes de melancias no Zattere. O chicotear em *staccato* dos lençóis que se moviam ao vento num estendal. Violetta fechou os olhos e ouviu tudo a dobrar, dada a forma como tudo era refletido na água, como se Deus tivesse notado na composição da cidade que era para ser tocada *forte*, com um vigor adicional.

Subitamente, ouviram-se tons estridentes que fizeram com que Violetta se agachasse no parapeito. Ela olhou de relance para oeste, para o edifício ao lado, cujo telhado ficava um patamar abaixo. O seu esconderijo não tinha qualquer conforto, mas o telhado vizinho era uma sumptuosa *altana* — uma acolhedora açoteia ao ar livre com alguma privacidade conferida pela gelosia árabe e pela verbena trepadeira. Toldos em pele proporcionavam sombra a uma série de bancos. Num canto, havia um relógio de sol de bronze sobre um pedestal. Uma mesa de vime encontrava-se repleta de pomadas e poções, bandejas de uvas e damascos, travessas de cristal cheias de tartes.

Quatro mulheres mandriavam na *altana* a descorar o cabelo ao sol. Tinham as cabeças cobertas por chapéus de abas largas especiais que lhes protegiam as caras mas deixavam o cabelo exposto à luz. Violetta calculou que as senhoras teriam apenas mais uma mão-cheia de anos do que ela, mas o sorriso delas fez com que se sentisse uma criança. Era um sorriso rico de conhecimento mulhêr, com um leve toque de hedonismo.

Teria Violetta alguma vez ouvido uma rapariga do Hospital dos Incuráveis a sorrir com tanta atitude? Nem Giustina, que era capaz de percorrer quatro oitavas sem arquejar.

Violetta estava deslumbrada com os elaborados rituais da *toilette* das senhoras. Uma das mulheres, em cujo rosto tinha sido aplicado um creme azul-claro, retirou vários leques rendados de um cesto e escolheu um roxo-vivo para agitar o ar outonal. Outra, cujo cabelo estava enrolado sobre o chapéu, pintava as unhas com esmalte prateado e bebericava chá de uma pequena chávena de cristal depois de aplicar cada camada. Uma terceira levantou-se da cadeira para verificar o progresso dos caracóis enrolados da quarta mulher, que tinha um conjunto de pulseiras a chocalhar no pulso.

— Não lhe toques — advertiu a voz de um homem. — Ela ainda está a secar.

Violetta reparou então nos dois homens que rondavam nas sombras. Usavam as perucas polvilhadas tão em voga entre os membros da classe alta. As calças pastel condiziam com as blusas de seda e com as fitas atadas em volta das meias. Violetta ficou boquiaberta a olhar para eles. Estava paralisada. Eram os *cicisbei*, uma estranha espécie de criados displicentes específica da classe nobre de Veneza.

Ela ouvira as *zie* a sussurrar acerca de um homem que assumira uma posição de *cicisbeo* de um abastado casal da nobreza. Ganhava 70 sequins por ano pelos seus serviços, o que era mais do que suficiente para alguém solteiro.

Mas outra *zia* queria saber o que é que ele *fazia* exatamente — e Violetta, que se inclinara juntamente com Laura para ouvir às escondidas, também. A primeira *zia* explicara que, enquanto o senador estava ocupado, o *cicisbeo* tomava conta da mulher de todas as formas desejadas.

As *zie* riram-se e Violetta corara sem saber exatamente porquê. Mais tarde, na caminhada das alminhas de Natal, uma combinação de maré alta e chuva pesada inundara as ruas, e Violetta

parara no meio do cântico das órfãs para olhar para um *cicisbeo* a levantar uma dama nos braços para atravessar uma *calle* inundada.

Violetta percebera, pelos olhos da mulher e pelas mãos do *cicisbeo*, que havia mais em jogo do que a vontade da mulher de manter a saia seca. Pela primeira vez, vira o desejo a acender-se. Sentira um calor a atravessar-lhe a barriga que fizera com que desejasse estar nas mãos do homem, nem que fosse para sentir como seria ser cobiçada daquela maneira.

Ela não era capaz de imaginar sequer como seria um amante. As raparigas do Hospital dos Incuráveis vestiam a expectativa da virgindade eterna como uma segunda capa. Era um dos elementos que as distinguiam de qualquer outra mulher veneziana que atuasse em palco. As cantoras nas óperas ou nos bailes de máscaras eram consideradas imorais dada a natureza da sua atuação; mas as raparigas do coro eram diferentes, e cantavam à imagem das virgens vestais de Roma.

Bem, havia uma possibilidade de sexo. Ocasionalmente, um homem pedia à priora um encontro com uma rapariga do coro que ouvira na missa com o objetivo de levar uma noiva para casa. Estes encontros eram uma fonte de fascínio para as raparigas jovens, não só porque envolviam um homem de fora do orfanato, mas também porque, se uma rapariga do coro decidisse casar, deixava um lugar para uma das alunas mais novas subir de pata-mar. Dois homens já tinham solicitado encontros com Giustina — ambos com o triplo da idade dela. Ela dissera a Violetta que estava tão nervosa que não tinha sido capaz de parar de dar sorrisinhos. Para seu horror, ambos os homens tinham deixado o Hospital dos Incuráveis ainda mais empenhados em levá-la. Benevolente, a encantadora Giustina suplicara à priora que rejeitasse as suas propostas. Ainda não estava preparada para deixar o coro.

Mas, confidenciara Giustina a Violetta, fora um jovem gondeleiro de cabelo preto, que Giustina via frequentemente pela sua janela quando se dirigia para o trabalho, a apresentar a proposta,

e ela tê-lo-ia agarrado no mesmo momento. Tê-lo-ia coberto de beijos, levantado a capa para ele e mandado a incredulidade puritana da priorisa para as urtigas.

Na verdade, Giustina nunca o faria, mas saber que alguém tão nobre e boa como a sua *sottomaestra* também ansiava por um *mais* inatingível dera conforto a Violetta. Ela tentara imaginar Giustina a agarrar o rapaz do *traghetto*. Deitara-se na cama a imaginar as possibilidades.

Se algum homem alguma vez solicitasse um encontro com ela, também ela suplicaria à priorisa que rejeitasse a proposta. A última coisa no mundo que ela queria era tornar-se esposa de um velho qualquer, a mãe do seu filho. Nunca casaria. Não arriscaria fazer a uma criança o que lhe fora feito a ela. O abandono estava-lhe no sangue, era a sua única herança; ela não deixaria que se manifestasse.

Na *altana*, os *cicisbei* estavam a reencher os copos. Violetta memorizou a forma como vertiam água fria, depois um salpico de álcool e, por fim, uma gota de algo opalino. Seria *acqaioli*? Como queria ela estar lá, uma turista naquele reino exótico, tão perto e tão longe.

— Bálsamo de limão?

Os *cicisbei* ofereceram colheres de bálsamo para adoçar o há-lito. Seguravam sombrinhas sobre os decotes dos vestidos das mulheres, enquanto elas se examinavam cuidadosamente em copos com aspeto de joias. Retocavam-lhes as bochechas com pó e riam-se de anedotas. Elogiavam os cimos dos cabelos das mulheres, a colocação provocante de marcas de beleza, os pescoços perfumados com âmbar-cinzentos.

— Maravilhoso — aplaudiam. — *Che bellezza*.

— Sabiam — disse um numa voz alta e íntima ao mesmo tempo — que ontem à noite a Annalisa Feltrinelli foi vista na mesma mesa de jogo que o marido?

Quando as mulheres arquejaram, o segundo homem soltou um riso abafado.

— E ela deixou-se ficar! Dizem que jogou três jogos de gamão contra ele.

— E perdeu! — acrescentou o primeiro homem, enquanto aplicava pó nas suas próprias bochechas quando as mulheres não estavam a olhar.

— Bem, é pouca sorte. — Uma das mulheres esboçou um sorriso afetado perante o seu reflexo, o cabelo ruivo natural a secar e a transformar-se num louro escuro e desejável. — A mim só me verão em sociedade com o meu consorte no funeral dele.

Violetta ocultou o sorriso com a mão. Desejou que Laura tivesse ouvido aquilo. A classe alta de Veneza era conhecida pela frouxidão da moral, pelas discretas indiscrições. A priora tentava proteger as raparigas do Hospital dos Incuráveis, mas o sexo e o desejo estavam entre os tópicos prediletos de Laura e Violetta. Na missa, acotovelavam-se ao ver os olhos errantes das casadas, mulheres livres para se sentarem longe dos maridos.

Mas o que iria Laura fazer se Violetta a tivesse levado para o telhado? Empunhar um rosário e fazê-la jurar que não iria voltar, que não voltaria a colocar o seu lugar no coro em risco? Mexericar era uma coisa, esgueirar-se para o telhado sozinha era outra bastante diferente.

— Se gostaste daquela — disse uma voz atrás de Violetta —, espera até a Fiona beber mais um copo.

Violetta virou-se de imediato.

Deparou-se com um rapaz louro e esgaldado com sensivelmente a mesma idade que ela. O rapaz sorriu-lhe como se partilhassem a mesma piada.

Violetta semicerrou os olhos. Os ombros recolheram-se como acontecia quando se preparava para cantar e enchia os pulmões de ar.

Tê-la-ia seguido até ali? A mando de quem? O coração de Violetta batia veloz, mas ela tinha dificuldade em casar a sua sensação de fatalidade com o prazer que via nos olhos notavelmente azuis do rapaz.

Ele não tinha um ar de autoridade. Eram da mesma altura, e ele era quase tão magro como ela, embora tivesse enormes mãos e pés, como um cachorrinho. O cabelo dele, que precisava de ser aparado, tinha um tom inusitado para um veneziano. Era louro-claro, um tom que as mulheres na *altana* almejavam. Usava a leve blusa de linho do orfanato e finos calções tufados de algodão, mas parecia demasiado velho para viver no Hospital dos Incuráveis.

Violetta pensava que os rapazes com a idade dele já teriam deixado o orfanato para ir trabalhar, mas, na verdade, não conhecia bem as políticas da ala dos rapazes. Eram certamente mais permissivas do que as que se aplicavam às raparigas.

Nunca tinha visto dos rapazes do Hospital dos Incuráveis mais do que raros relances para o outro lado do pátio. Quando as raparigas passavam debaixo da *loggia*, a galeria coberta no rés do chão que conduzia à ala este do pátio, eram obrigadas a caminhar em silêncio, em fila reta com as cabeças viradas para a frente e os olhos baixos. Uma vez, Violetta ouvira o ruído de passadas rápidas de um par de rapazes a correr sem escolta do outro lado e levantara a cabeça. A liberdade dos seus jovens membros deixara-a paralisada.

A prioresa gritara-lhe e obrigara-a a colocar o capuz da capa quando voltaram a caminhar pela *loggia*, numa tentativa de bloquear o seu ângulo de visão. Não fora suficiente para deter Violetta, cuja curiosidade não conhecia fronteiras. À segunda ofensa, fora açoitada. Depois, Violetta tentou deixar que os rapazes voltassem a desvanecer-se num mistério. Não pensava sobre eles porque isso a fazia sofrer; eles acabariam por sair do orfanato, e ela invejava-lhes essa liberdade. Ali, no telhado, estava um à frente dela, e a inveja transformou-se em desconfiança.

— O que estás a fazer aqui? — perguntou.

— Não queria assustar-te — respondeu ele. — Quando a Fiona fica tocada, não para de dar conselhos. — O rapaz falava depressa e fazia gestos exagerados com as mãos que lembravam a Violetta

um maestro. — Vale a pena ficar por cá para assistir ao espetáculo. Não que precisas de conselhos dela. Quer dizer...

— Quem és tu? — perguntou Violetta.

A pele entre os olhos azuis do rapaz enrugou-se, o que fez com que Violetta percebesse quão fria e acusadora soava.

— Sou o tipo que não te vai denunciar — disse ele. — Podes chamar-me Mino. Se quiseres. Mas vieste aqui para cima para estar sozinha. Vou deixar-te ficar. Desculpa...

Havia nele algo familiar. Talvez fosse a forma como falava. Não parecia pensar antes de as palavras saírem, o que fez com que Violetta se sentisse mais próxima dele do que esperava, e ela não sabia se a ideia lhe agradava. Ele deveria ser assim com toda a gente, tão aberto com estranhos quanto ela era fechada, às vezes até com as amigas.

— Senta-te — disse ela. Ficou surpreendida com o convite que fez. Ele colocou-se junto ao local onde ela tinha estado sentada, com as pernas magras e compridas a penderem sobre o parapeito. Parecia tão à vontade que Violetta viu o telhado com outros olhos. Viu que também era dele. E esperava sentir-se invadida por isso. Mas, ao invés, sentiu-se menos sozinha. Ali estava um espírito semelhante num telhado. Violetta sentou-se ao lado dele. Olhou para o joelho do rapaz a um punho do dela e sentiu uma palpitação no peito. Certamente Laura iria pensar que ele era bem-parecido. Mas Violetta não estava certa disso. — O que mais sabe a Fiona? — Apontou com a cabeça em direção à ruiva, cujo *cicisbeo* lhe tirava o descolorante do cabelo com uma esponja.

Mino sorriu abertamente, um sorriso que englobava não só a boca, mas também o rosto, e até as orelhas. O seu empenho com a expressão era tão profundo, tão brilhante, que Violetta teve de desviar o olhar, como que do sol a surgir por detrás de uma nuvem.

— Depende — respondeu ele. — Estás envolvida num caso, ou prometida a um homem que não amas?

— Ambos — disse Violetta, e sorriu.

Mino levantou o queixo, inclinou os ombros e semicerrou um olho numa imitação quase perfeita de Fiona.

— Muda sempre de gôndola três vezes, se o que desejas é discrição.

Ele tinha emulado a voz dela de forma tão precisa que Violetta aplaudiu, batendo palmas sem ironia. Sentiu-se como quando tinha 5 anos e observava um artista de rua. Queria mais.

— Muito bem, agora estou prometida a um velho mercador medonho que já só tem dois dentes.

Os olhos de Mino cintilaram quando pigarreou e voltou a colocar a voz num tom mais alto.

— Como poderás desfrutar dos subtis prazeres da viuvez se nunca casares?

— Para — suplicou Violetta, com uma gargalhada. — Isso é assustador.

— Não — disse ele, e olhou para ela na diagonal. — Tu és demasiado corajosa para ter medo disto.

— Não me conheces — retorquiu ela. Irresponsável talvez, imprudente com certeza, mas Violetta nunca pensara que era corajosa. Deu por si a refletir sobre a palavra, a saboreá-la.

— Estás aqui, não estás? — disse Mino.

— Tu também.

Ele abanou a cabeça.

— Não sou eu que tenho uma marca no calcanhar. Não sou eu que tenho formação musical. Não é de mim que vão estar à procura.

Violetta ficou mais melancólica ao lembrar-se do que acontecera na galeria.

— Vão desejar que eu desapareça de vez.

Mino inclinou a cabeça na direção dela e arregalou os olhos.

— Foste tu que partiste o dedo do pé da Reine?

A boca de Violetta escancarou-se.

— Partiu-se? Nunca entrarei no coro. — Deixou cair a cabeça, angustiada. — E vão obrigar-me a cortar o cabelo de novo.

Veneza, 1733

Violetta e Mino são dois órfãos que vivem no Hospital dos Incuráveis, um lugar que, além de orfanato e hospital, é também uma escola de música. Numa noite em que se refugiam no telhado do hospital, o destino une a voz de Violetta ao som do violino de Mino, resultando numa ligação que irá mudar a vida de ambos para sempre.

Violetta ambiciona integrar o famoso coro dos Incuráveis. Um dia, o convite chega, mas ela sabe que, ao assumir esse compromisso, jamais poderá cantar noutro lugar. Já Mino sonha voltar a encontrar a mãe, e o que mais quer é constituir família. Propõe, assim, a Violetta que fujam e se casem, mas esta teme nunca mais poder cantar e rejeita o pedido.

Mino deixa então o hospital e parte em busca da mãe. Sem ele, Violetta sente-se perdida e decide arriscar uma exploração clandestina da vida noturna veneziana, na esperança de que a sua voz lhe garanta a liberdade que ambiciona. Porém, nenhum deles encontra o que procura, até que uma terrível memória que Violetta reprime desde a infância os conduz a uma verdade chocante.



«Lauren Kate evoca vividamente uma cidade de beleza e dor, desamparo e crueldade, enquanto coreografa uma história de amor marcada por angústia, êxtase, suspense e reviravoltas impressionantes.»

BOOKLIST

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-808-0



9 789896 688080

Romance Histórico